



A ética do cuidado com bebês, tornando sujeitos e não seres sujeitos

João Luiz Silva da Rosa ¹

RESUMO

Todos os dias surgem novas vidas, algumas planejadas e outras inesperadas, mas o nascimento de um bebê pode ser considerado uma festa, uma inauguração de esperança, de afeto e vitalidade. Sem amor os processos de desenvolvimento dos bebês podem ser prejudicados, a precariedade do afeto e dos cuidados básicos acarretam traumas, entre outros aspectos na regulação das emoções e agressividade. Segundo Costa (2020), as atividades ligadas a proteção e cotidiano de qualquer bebê, fazem parte do que podemos classificar como cuidado, mas, para cuidar precisamos de ética no manejo e ações, sem cair no viés de um cuidado empobrecido de afeto, atenção básica e afeto. Irei abordar a importância de considerar um bebê sujeito dentro das instituições que atendem bebês e crianças bem pequenas, no contexto creche, desde o período da gestação, o feto já está se preparando para a sua vida e se adaptando às informações de sua realidade, pode parecer bobagem, mas o período gestacional precisa ter grande importância em nossas vidas. Esse início é o começo de tudo, incluindo as condições culturais: A realidade que a mãe enfrenta, as condições de alimentação e o vínculo que a mesma terá desde o momento em que bebê está sendo gerado dentro do seu útero, Segundo Gerhardt (2017).

Palavras-chave: Bebês, Cuidado, Cotidiano, Educação Infantil, Vida.

INTRODUÇÃO

Desde o período da gestação, o feto já está se preparando para a sua vida e se adaptando às informações de sua realidade, pode parecer bobagem, mas o período gestacional precisa ter grande importância em nossas vidas, esse início é o começo de tudo, incluindo as condições culturais: A realidade que a mãe enfrenta, as condições de alimentação e o vínculo que a mesma terá desde o momento em que bebê está sendo gerado dentro do seu útero.

Se pôr ventura as coisas não ocorreram bem durante a gestação, nem tudo está perdido. Os bebês humanos nascem com um cérebro que mede apenas um quarto de seu tamanho adulto final. Segundo Gerhardt (2017, p.26): “Um cérebro muito mais incompleto do que o de outros mamíferos- os cuidados na primeira infância (e além) desempenham um papel muito maior na sua formação.”

O vínculo positivo durante o primeiro ano de vida é importante, se o bebê encontrar amor pelo caminho ainda conseguirá moldar uma nova realidade. Mas cabe aqui ressaltar, que são as práticas do cuidado e da atenção entre adultos e bebê que irão ajudar para o seu desenvolvimento.

¹ Graduado do Curso de Pedagogia da Universidade Leonardo da Vinci - SC, joaosilvapedagogo@hotmail.com;



O bebê passa a ser convidado a conhecer outros espaços (fora do seu meio familiar), por diversos motivos que poderia listar, mas irei mencionar a sua inserção na creche, que em muitos casos os seus responsáveis precisam retornar ao trabalho após a licença (maternidade ou paternidade). Na busca por garantir um espaço seguro para esse bebê, os familiares optam em deixá-lo em creches enquanto trabalham.

É preciso buscar referências sobre esse espaço, visando o bem-estar do bebê e a sua segurança, mas acima de tudo, compreender que esse espaço precisa ser pensando com o afeto e o cuidado nas relações.

A creche é considerada um espaço de relações, descobertas e partilhas, mas para que isso realmente se concretize, necessita de educadores que entendam a ótica dos bebês e um espaço preparado para acolher as necessidades. Dois vieses de extrema importância que precisam ser discutidos: A qualidade dos espaços para receber os bebês e a formação dos educadores que atendem os mesmos.

1.2 A QUALIDADE DOS ESPAÇOS PARA RECEBER OS BEBÊS

O espaço têm grande contribuição no desenvolvimento e interação dos bebês, a visão histórica da creche em muitos casos está associada ao assistencialismo, cuida—se, entre outras nomenclaturas que os adultos abordam.

Para existir um espaço que ajude os bebês em seu desenvolvimento, precisa prevalecer a sua organização e planejamento, na configuração dos materiais, mobiliários e postura dos adultos no momento em que os bebês estão explorando, sendo necessário o entendimento de que os bebês precisam de amplos espaços para se movimentarem com segurança e autonomia. Segundo Costa (2020, p.41): “Pensar em movimento implica pensar no corpo, o que nos leva a uma rede de relações e sensações estabelecidas nas trocas entre corpo e ambiente.”

Como a autora bem menciona, o corpo e o movimento precisam se encontrarem nos espaços de atendimentos, principalmente na organização da creche, os itens que compõem as salas em que os bebês são atendidos, muitas vezes são precários, não planejados para o seu movimento ou até mesmo as contenções de corpos. Me refiro aos berços, carrinhos ou bebê conforto, em que os bebês ficam presos em uma jornada extensa, principalmente aqueles que estão aprendendo a se movimentarem, infelizmente por uma questão cultural e falta de entendimento, as negligências acabam ocorrendo.

Em muitos casos a discussão não abraça a prática, por exemplo: se perguntarmos se o movimento é importante para os bebês, todos irão responder que sim, mas a ação não será essa,



afinal, o grupo dos bebês muitas vezes não são considerados importantes por algumas pessoas no campo da educação, acreditando que basta apenas “reparar” enquanto os responsáveis estão trabalhando.

O espaço creche precisa ser povoado pelos bebês, construídos pelos principais princípios que ecoam no campo da primeira infância, eles necessitam circular por cada ambiente, conhecendo, explorando e convivendo. A sala referência em que os mesmos estão, não pode ser o único espaço em que os bebês devem ficar, mas sim, desbravar os diversos espaços, ao lado de adultos que entendam as suas necessidades e com os seus pares.

Segundo Costa (2020, p.48): “As instituições se preocupam em ensinar a motricidade, a qual aparece como um conteúdo descrito em planejamentos, com suposta intencionalidade, na maioria das vezes em forma de atividades dirigidas.” No imaginário de muitas creches, os bebês precisam seguirem padrões motores, encontrados muitas vezes por meio de pesquisas da internet ou falta de entendimento no assunto, o que acaba acarretando momento em que os bebês estão “livres brincando”, em alguns casos em mobiliários inadequados para a faixa etária ou até mesmo a forma que são ofertados.

A ausência de um planejamento não pensado nos espaços, acaba impedindo o bebê de se movimentar, acarretando seu desenvolvimento e outras funções. Além disto, acaba causando um sentido de “sujeitamento”, de que o bebê só poderá explorar os seus movimentos naquele espaço quando o adulto deixar.

Um bebê que é sujeito a essas ações, será um sujeito capaz de explorar e conhecer as inaugurações da vida vivida? Segundo Edwards, Gandini e Forman (2008), nas creches, a atenção dada ao ambiente físico possui uma qualidade particular que nos lembra da necessidade de intimidade e envolvimento dos bebês. Sendo assim, ao projetar um ambiente de atendimento de bebês no campo creche, precisamos acreditar no movimento livre, cuja proposta é a autonomia do sujeito bebê, precisamos refletir: um bebê cego, com alguma limitação ou surdo teria protagonismo/autonomia para circular nos espaços, explorar o momento de atenção pessoal (troca de fraldas, alimentação, etc), se o espaço não for seguro?

Sendo assim, projetar um espaço de qualidade para os bebês precisa garantir a identidade dos grupos atendidos, da instituição e do contexto social em que a creche está inserida, os bebês precisam de espaços para produção do seu potencial.

Os espaços não são gessos, são convites de dinâmicas que podem ser modificadas e exploradas a partir da realidade dos bebês.

A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES NO ATENDIMENTO DOS BEBÊS



Acima mencionei a importância do espaço no desenvolvimento do bebê, mas para ocorrer uma validação, os bebês necessitam encontrar em sua vida adultos que entendam as suas necessidades, mas que afetem com o afeto, sendo uma tarefa às vezes complicada quando abordados a relação adulto e bebê. Conforme menciona Gerhardt (2017, p.37):“Os bebês precisam de uma cuidadora que se identifique tão fortemente com eles que as necessidades de eles parecerem ser as dela”.

Os bons relacionamentos entre educador e bebê começam na forma que esse adulto recebe os meninos e as meninas na instituição, a postura desse educador ao acolher demonstra o seu entendimento sobre o real sentido de acolher o outro. As emoções são nossos guias para a ação no cotidiano, é o direcionamento para nos aproximarmos ou nos afastarmos de algo e isso acontece principalmente com os bebês.

Uma criança que não é bem recebida pelo educador obviamente irá sentir um desconforto, choro e até mesmo não terá uma conexão com esse adulto, afinal, ela não foi bem aceita pelo mesmo, mas quando o relacionamento é abraçado por interações confortáveis, educador e bebê estão ampliando o córtex pré-frontal do bebê, ajudando no desenvolvimento e interações sociais.

O papel do educador na vida dos bebês é de grande importância, sendo que o mesmo muitas vezes passa uma jornada diária de 8 horas atendo, por isso ressalto a importância do vínculo, respeito e estudos no campo dos bebês. Sabemos que em alguns casos a procura por trabalhar na creche está associada no gostar de bebês ou simplesmente cuidar, atrelado no sentido de assistencialismo, tanto que como muitos educadores se enxerga é visto como “tia” ou “tio”, precisando urgentemente ser visto como professores de bebês.

Em algumas instituições de atendimento os critérios para se trabalhar com bebês são dos mais precários possíveis, não precisa ter formação específica na área, basta ser mulher e gostar de crianças. Sendo um movimento de luta constante nos principais documentos norteadores da Educação Infantil, além da grande desvalorização da sociedade e em muitos casos salarial, jornada extensa de trabalho, condições precárias de trabalho, entre outros aspectos.

No entanto, ao trabalhar com os bebês, o adulto precisa entender sobre os bebês, estudar, pesquisar, observar e estar junto, sabendo das singularidades.

Alimentação: é um dos princípios que as instituições precisam planejar no atendimento dos bebês, o refeitório, pratos, mesas e cadeiras adequadas conforme a faixa etária, a exploração dos alimentos e um ambiente iluminado.



É fundamental que adulto esteja junto, auxiliando quando necessário transmitindo segurança na sua postura, os bebês que ainda não ficam sentados sozinhos, sejam alimentados no colo. A participação dos bebês na organização do refeitório ou espaço de alimentação, também são importantes, ajudam na autonomia do sujeito.

O educador precisa entender que o momento da refeição é considerado aprendizagem, vínculo e autocuidado, portanto, precisa fazer sentido para a criança, principalmente quando o adulto coloca o bebê no centro dessa ação. O sujar-se também faz parte desse processo de aprendizagem e os adultos devem oportunizar essas vivências, em muitos casos o adulto acaba fazendo pelo bebê o que ele consegue fazer sozinho, ainda encontramos instituições que os adultos não deixam os bebês comerem sozinhos e acabam “dando a comida misturada”, inibindo o seu potencial.

Higiene pessoal: É também considerado um momento de aprendizagem e vínculo, entre adulto e bebê, mas em muitos casos acaba se tornando mecânico e vazio de possibilidades. Principalmente quando o espaço que essa ação irá acontecer não é adequado, sendo assim, para que o educador possa explorar esses cuidados, o ambiente deve ser pensado conforme as necessidades dos bebês.

A troca de fraldas é uma ação de cunho pedagógico, que precisa ser planejada para que os bebês se sintam respeitados, primeiramente esse momento precisa acontecer em um trocador adequado para que o adulto possa enxergar a criança, tendo contato com o rosto do bebê.

Nessa ação o adulto precisa enxergar a criança, dialogar e tornar esse momento importante e seguro, pois sabemos que muitos bebês sentem desconforto, choram e se sentem inseguros no momento da troca de fraldas, mas, quando o educador organiza o grupo e passa a ser responsável por esse momento diariamente, a segurança afetiva começa a tranquilizar.

Fazer desse momento um festival não, é algo benéfico principalmente para o bebê, pois ainda encontramos adultos que ridicularizam os bebês quando fazem as suas necessidades, colocando apelidos pejorativos e expondo o acontecimento, levando a sérios traumas na vida futuro desse bebê.

A comunicação adulto e bebê soa como uma ação de respeito, ao comunicar o sujeito o que irá acontecer, principalmente envolvendo essas práticas corporais, ao soar o nariz de uma criança ela precisa ser comunicada que irá acontecer, afinal precisamos pedir licença para encostar no corpo do outro e com os bebês não é diferente, sabemos que a comunicação precisa ser a chave para sucesso.

Costumo dizer que a criança precisa ser avisada dos acontecimentos, pois muitas vezes ela precisa se despedir da brincadeira ou ação. Trabalhar com os bebês é entender as suas



sutilezas, muitas vezes abraçadas em complexas ações, o cuidado precisa prevalecer no toque, no gesto e nas palavras que o educador partilha com os bebês.

Não basta apenas estudar as teorias, é preciso sentir, pulsar e qualificar os nossos espaços para acolher os bebês em suas individualidades, cada criança que chega até a nós, é um ponto de interrogação, de desbravamento e de muita riqueza.

Mudar as ações dos adultos, não somente verbalmente, mas concretamente, requer estudos e acima de tudo uma qualificação em nossas concepções de infâncias, vínculos, construindo um ambiente educacional para a vida viva. Estabelecendo encontros, experiências colaborativas, acolhimento, liberdade, mas o afeto grande condutor das práticas pedagógicas com bebês e crianças no contexto de vida.

Ao cuidar e educar uma criança, leva-a a manifestar posturas autônomas, criando hábitos e capacidade de realizar sozinha algumas ações, promovendo múltiplas aprendizagens. Quando se realiza a atividade do cuidar sem intencionalidade, perdem-se ótimas oportunidades de se educar.

Precisamos entender que cuidar e educar, é viver ao lado das crianças, construindo um sentido e significado para essa fusão tão forte, intensa, mas viva. Não podemos projetar os ditos “rituais de sofrimento” naturalizando essas ações e acreditando que precisamos ofertar o básico para bebês e crianças e pequenas no contexto de vida.

As concepções de cuidar e educar que os profissionais constroem, determina as suas práticas na docência, no cotidiano, mas acima de tudo no seu professorado, contudo, é no cuidar que conseguimos mostrar para as crianças que elas são seres de direitos, portadoras de voz e a vida na creche acontece com elas.

REFERÊNCIAS

COSTA, LEILA OLIVEIRA. EDUCAÇÃO, CUIDADO E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS. SÃO PAULO: EDITORA SENAC, 2020.

EDWARDS, CAROLYN; GANDINI, LELLA, FORMAN, GEORGE. (ORGS). AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA: A ABORDAGEM DE REGGIO EMILIA NA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2008.



GERHARDT, SUE. PORQUE O AMOR É IMPORTANTE: COMO O AFETO MOLDA O CÉREBRO DO BEBÊ. 2.ED. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2017.